

Acumulação do capital e a hegemonia dos EUA

André Mayer¹, andremayer@faminas.edu.br

1. Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro; coordenador e professor na FAMINAS, Muriaé, MG.

RESUMO: O artigo discute a globalização da economia, coordenada pelo capital, e apresenta questões importantes para que não tenhamos a ilusão de que estamos diante de algo extremamente novo. Abre caminho para a compreensão da hegemonia norte-americana no processo atual de acumulação do capital.

Palavras-chave: globalização, capital, hegemonia.

RESUMEN: acumulación del capital y la hegemonía de los EEUU. El presente artículo discute la globalización de la economía, coordinada por el capital, y presenta cuestiones importantes para que no tengamos la ilusión de que estamos delante de algo extremadamente nuevo. Abre camino para a comprensión de la hegemonía norteamericana en el proceso actual de la acumulación del capital.

Palabras llaves: globalización, capital, hegemonía.

ABSTRACT: Accumulation of the capital and the hegemony of the U.S.A. The article discusses the globalization of the economy, coordinated by the capital, and presents important questions so that we do not have the illusion that we are faced with something extremely new. It opens ways for the comprehension of the American hegemony in the current process of accumulation of the capital.

Keywords: globalization, capital, hegemony.

O fenômeno da globalização apresenta-se como uma versão atualizada da ideologia econômica liberal e tem produzido – ao contrário de um desenvolvimento inclusivo – a expansão geométrica da polarização entre países e classes sociais¹. Contra o pensamento hegemônico que define a globalização como resultante exclusiva das forças de mercado, percebem-se as transformações ocorridas no plano da concorrência intercapitalista, levando-se em conta a financeirização do mercado e a intensificação da competição interestatal.

A marca distintiva do atual movimento de internacionalização capitalista é a forma em que se deu a globalização das finanças², viabilizada pelas políticas liberais de desregulação dos mercados, iniciada pelos Estados Unidos e Inglaterra.

Neste novo regime de acumulação mundial, com a retomada e consolidação da supremacia americana e as novas configurações geo-políticas em

1 Para Fiori (1997, p. 88), a força da idéia da globalização “(...) inscreve-se no campo da ‘inversão ideológica’ e como tal realiza uma ‘inversão da própria realidade’ (...) ocultando (...) as relações assimétricas de poder e dominação que estão na sua origem e que explicam a sua expansão e sua originalidade financeira”.

Para o autor, “basta lembrar o núcleo duro e utópico desta visão de mundo, responsável pela popularidade da ideologia da globalização (...) são idéias que vem dos pais do liberalismo clássico, econômico e político. Em particular uma crença num capitalismo sem fronteiras, e gerido por estados nacionais que fossem reduzidos ‘as suas funções mais elementares. E a certeza de que a desregulação dos mercados e a liberalização das economias nacionais promoveria, no médio prazo, a convergência da riqueza das nações e a redução das desigualdades entre as classes sociais (...) A perda da soberania dos estados nacionais é vista como algo positivo, e se ainda existem desigualdades e pauperização, elas devem ser consideradas como uma face dolorosa, mas transitória, no caminho da terra prometida” (FIORI, José Luís. **Sistema mundial: império e pauperização**. Rio de Janeiro: Mimeo. Instituto de Economia/UFRJ. 2001, p. 2).

2 “A construção desse mercado financeiro mundial foi obra do poder e de decisões políticas e teve conseqüências que vão muito além da própria economia (...) se a globalização dos mercados financeiros foi facilitada pelas novas tecnologias, sua verdadeira direção e significado foram dados pelas opções estratégicas e econômicas de algumas poucas potências mundiais”. (FIORI, José Luís. **O Estado morreu. Viva o Estado! Brasil no espaço**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 64-65).

nível global a retomada da hegemonia americana³ e a nova financeirização capitalista são duas faces de um mesmo processo, resultado das políticas do próprio governo norte-americano.⁴

(...) as crises que instabilizaram a economia mundial na década de 70 foram seguidas de dois movimentos de reafirmação da hegemonia americana, no plano geoeconômico (através da diplomacia do dólar forte) e no plano geopolítico (através da diplomacia das armas) que modificaram, profundamente, o funcionamento e a hierarquia das relações internacionais a partir do começo da década de 1980 (TAVARES *apud* FIORI, *Depois da retomada...*, 2001, p 4-5).

Foram decisões políticas que amadureceram durante a década de 80 e se transformaram na visão estratégica da elite financeira e militar que chega ao

3 “De maneira simplificada, se pode dizer que tudo começou com a derrota americana no Vietnã, seguida pelos sucessivos reveses da política externa dos EUA durante a década de 70: a vitória da revolução Islâmica no Irã; a vitória Sandinista na Nicarágua; a crescente presença soviética na África e no Oriente Médio, e finalmente a invasão russa do Afeganistão” (FIORI, José Luís. **Sistema mundial...** 2001, p. 22).

4 David Harvey (2004, p. 31) ao argumentar sobre a expansão do poder norte-americano, situa-o dentro dos marcos do “imperialismo capitalista” “como uma fusão contraditória entre ‘a política do Estado e do império’ (o imperialismo como projeto distintivamente político da parte de atores cujo poder se baseia no domínio de um território e numa capacidade de mobilizar os recursos naturais e humanos desse território para fins políticos, econômicos e militares) e ‘os processos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo’ (o imperialismo como um processo político-econômico difuso no espaço e no tempo no qual o domínio e o uso do capital assume a primazia)”.

governo com a vitória de Ronald Reagan em 1980⁵. Estes movimentos (as diplomacias do dólar forte e das armas) explicam a gigantesca concentração de poder econômico, militar e financeiro que ocorreu nas últimas duas décadas do século XX.

A consolidação de um novo sistema monetário internacional, baseado no dólar e sem qualquer padrão de referência, consolida também um novo regime de acumulação e uma nova hierarquia político-militar mundial. O dólar cumpre o papel de moeda financeira em um sistema sem regulação, em que

- 5 “Foi durante este período que se desenvolveram os novos sistemas de informação (...) o desenvolvimento de vetores e bombas teledirigidas (...) novos tipos de equipamentos sob comando remoto, que permitiram reduzir ao mínimo o risco de perda de soldados [‘Revolução Militar’] (...) Foi na Guerra do Golfo, em 1991, que ocorreu a primeira demonstração da nova maneira americana de fazer guerra (...) E foi na guerra não declarada de Kosovo, em 99, que foi possível testar e comprovar, pela segunda vez, este poder (...) havia nascido uma ‘nova guerra’ que dispensa cada vez mais a necessidade de soldados cidadãos (...) Neste mesmo período, e de forma quase simultânea, se desenvolveu, a partir de 1973, uma outra revolução, de natureza financeira (...) Na prática, esta ‘revolução financeira’ deu origem a um novo sistema monetário internacional, uma espécie de ‘sistema dólar-flexível’. ‘Neste novo padrão, o dólar continua sendo a moeda internacional. Mas a ausência da conversibilidade em ouro dá ao EUA, e ao dólar, a liberdade de variar sua paridade em relação às demais moedas dos outros países, conforme sua conveniência, através da simples movida das suas taxas de juros’ (...) o dólar deixou de ter qualquer padrão de referência que não seja o próprio poder norte-americano (...) criou-se um novo tipo de território submetido à senhoriação do dólar e à velocidade das intervenções teledirigidas das suas forças militares” (FIORI, José Luís. **Sistema mundial...** 2001, p. 24-25).

“‘a diplomacia do dólar forte’, ‘ao manter uma política monetária dura e forçar uma sobrevalorização do dólar, a partir de 79, permitiu que o FED (Banco Central Americano) retomasse na prática o controle dos seus próprios bancos e do resto do sistema bancário privado internacional e articulasse em seu proveito os interesses do rebanho disperso. A partir daí o sistema de crédito interbancário orientou-se decisivamente para os EUA e o sistema bancário ficou sob o controle da política monetária do FED que passou a ditar as regras do jogo mundial.’ Ao mesmo tempo, a nova política econômica americana permitiu a soldagem dos interesses globais do capital financeiro internacional, rearticulando os seus múltiplos anéis nacionais, que de uma forma ou de outra irão assumindo o poder político, a partir dali, no centro e na periferia do sistema” (FIORI, José Luís. **Depois da retomada da hegemonia...**, 2001, p. 5).

não existem paridades cambiais fixas e cujo valor do dólar é fixado pela taxa de juros americana, que funciona como referência básica do sistema financeiro internacional em função da capacidade dos EUA em manterem sua dívida pública como título de segurança máxima do sistema.

Por outro lado, com a desregulação dos mercados de capitais e a dolarização da maior parte dos negócios, o FED (Banco Central Americano) se transformou na última instância que administra e arbitra os fluxos financeiros mundiais e os conflitos de interesses entre blocos de capitais e Estados.

Este novo sistema monetário internacional, somado ao novo processo de acumulação⁶ e à nova hierarquia político-militar mundial, provocou uma desaceleração seletiva e hierarquizada do crescimento econômico mundial e uma maciça transferência de renda e de capitais do resto do mundo para os títulos do governo e para o mercado norte-americano.⁷

(...) a história destes últimos vinte e cinco anos encarregou-se de contradizer a previsão e a estratégia propostas pela “teoria da estabilidade hegemônica”. Desde o fim do padrão dólar e da Guerra Fria, o balanço é muito claro. O mundo

6 “(...) os fundos de pensão, os *mutual funds* e os grandes grupos industriais se transformaram nos principais agentes microeconômicos do ‘novo regime de acumulação’, constatando-se, a partir dos anos 80, aumento espetacular de suas aplicações financeiras, e desabamento igualmente espetacular dos seus investimentos produtivos (...) Uma das particularidades dessas operações [‘ativos financeiros rentáveis’] é que, em vez de contribuírem para uma retomada duradoura da acumulação de capital produtivo, elas se traduzem pelo fortalecimento da financeirização dos grupos, de tal maneira que empresas e grupos adquiridos sob essa perspectiva freqüentemente acabam esfacelados e revendidos sem maiores considerações para com os objetivos proclamados pelos governos liquidantes, que privatizam o seu patrimônio ou desnacionalizam as suas empresas em nome da melhoria dos serviços públicos, do aumento da produtividade das estruturas industriais ou da alavancagem das exportações” (FIORI, José Luís. *Acumulação mundial e ingovernabilidade. Brasil no espaço*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 121).

7 “Uma tendência irreversível porque ‘enquanto a taxa de crescimento da economia mundial for inferior à taxa de crescimento americana não há a menor possibilidade dos capitais excedentes, sobretudo os bancários e o das empresas com capacidade ociosa, resolverem investir preferencialmente nos seus países de origem’” (FIORI, José Luís. *Depois da retomada...*, 2001, p. 6).

nunca esteve entregue de forma mais incontestável ao arbítrio de uma só potência hegemônica (...) Os Estados Unidos arbitram isoladamente o sistema monetário internacional, promovem ativamente a abertura e a desregulação das economias nacionais e o livre comércio (...) e detém um poder incontrastável no plano industrial, tecnológico, militar, financeiro e cultural. E, no entanto, não se conhece período da história moderna em que o capitalismo tenha passado por maior instabilidade sistêmica⁸, graças a “revolução financeira” que acompanhou a consolidação e funcionamento do novo sistema cambial. Nem tampouco se conhece período em que as relações políticas entre os estados estivesse tão carente de parâmetros ou referências – principalmente depois da guerra do Golfo – que não seja o arbítrio da superpotência e de seu “diretório político-militar” anglo saxão (FIORI, 2001, p. 3-4).⁹

O processo de acumulação do capital forçou o sistema a encontrar uma estrutura política para dar suporte e sustentação a este processo ilimitado, e que esta estrutura política possa proteger a propriedade privada e o aumento exponencial do seu “valor”; este processo encontra seu pleno desabrochar na época do imperialismo. A superprodução do capital e a aparição de dinheiro “supérfluo”, resultante de uma poupança que não encontra mais investimento produtivo no interior das fronteiras nacionais, vêem o nascimento de novas formas políticas, sendo que um dos seus componentes é a formação de um corpo de funcionários da violência que só podem pensar nos termos de uma política de poder e de produção e reprodução de um poder ilimitado como um fim em si. Os Estados Unidos tornaram-se o principal campo de tal processo.

(...) o capital circula no espaço e no tempo para criar sua própria geografia histórica peculiar. (...) existe uma relação dialética entre a política do Estado e do império, por um

8 “As estatísticas de todos os organismos multilaterais confirmam que nestes últimos vinte e cinco anos (...) a tendência econômica mundial foi de declínio constante das taxas de investimento, crescimento e emprego” (FIORI, José Luís. A ilusão do desenvolvimento. **Brasil no espaço**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 28).

9 FIORI, José Luís. **Depois da retomada da hegemonia**. Mimeo. Rio de Janeiro: Instituto de Economia/UFRJ, 2001.

lado, e os movimentos moleculares de acumulação do capital no espaço e no tempo. (...) A acumulação do capital por meio da troca de mercado fixadora de preços floresce melhor no âmbito de certas estruturas institucionais da lei, da propriedade privada do contrato e da segurança da forma dinheiro. Um Estado forte dotado de poderes de polícia e do monopólio dos meios da violência pode garantir tal arcabouço institucional e sustenta-lo com arranjos constitucionais definidos. A formação do Estado em associação com o surgimento da constitucionalidade burguesa têm sido, por conseguinte características cruciais da longa geografia história do capitalismo (HARVEY, 2004, p. 79).

Com a mutação do complexo militar-industrial, o Pentágono e os generais americanos acentuam sempre mais os traços de funcionários da violência. Em conjunção com os grupos industriais do armamento, com os grupos petroleiros e a rede financiada pelas fundações em que se abrigam os neoconservadores, forma-se um bloco de interesses para quem a reprodução do poder e do Estado americano, do qual eles são o coração, tornou-se “um fim em si”.

A política que a administração Bush leva ao extremo é o fortalecimento de um Estado que estabeleceu, com quase o conjunto do globo, relações predatórias e parasitárias. Os perigos que os Estados Unidos espalham pelo mundo relacionam-se com o fato de que o funcionamento social cotidiano dos americanos depende dessas relações, que podem ser apresentadas à maioria silenciosa como devendo ser defendidas a qualquer preço.

A estratégia de Bush é uma resposta capitalista à crise do capitalismo. Do ponto de vista econômico ela combina duas políticas anticíclicas: expansão da indústria armamentista, que permite a realização da mais-valia sem um aumento do consumo privado, e o acesso a novos mercados, vital para a superação da crise atual da economia norte-americana e a reversão da taxa declinantes do seu comércio exterior (...) uma política que visa reconstruir a ordem liberal expandindo-a. Do ponto de vista político, ela coloca em movimento um monumental aparelho repressivo militar, com objetivo de construir uma ordem de contenção (...) capaz de atacar todo obstáculo que se levantar contra o “interesse nacional” norte-americano (BIANCHI, 2003, p. 116).

Os EUA precisam assegurar o domínio do mundo para manter seu alto nível de vida, obrigando os países que a eles exportam a receberem em dólares, que têm de aplicar comprando títulos do tesouro americano e sustentar o déficit comercial crônico e a dívida externa americana. Também precisam assegurar o domínio de petróleo e de outras matérias primas. Os EUA, segundo muitos analistas, não têm outra solução a não ser a guerra, ou melhor, a submissão do mundo a seus interesses, porque sua crise econômica, deixada a si mesma, poderia se tornar uma crise institucional.

Com os atentados de 11 de setembro de 2001, os EUA ganharam o que é necessário para colocar um país em guerra permanente e infindável: um inimigo, o terrorismo, que nunca pode ser considerado derrotado. Pode recorrer, a qualquer momento, à doutrina Bush da “guerra preventiva”, para invadir um país ou grupo de países que estejam, supostamente, ajudando futuros terroristas.

Nestes tempos de crise, o complexo militar industrial dos EUA pode estar sendo novamente acionado para preencher o buraco que se abriu na economia mundial com as sucessivas crises de desvalorização que atingiram vários países. Nada como uma guerra para reanimar uma economia capitalista.

Os Estados Unidos vêm avançando em direção a um imperialismo hegemônico global com o qual pretende reafirmar de modo inquestionável sua posição dominante, nessa fase de crise estrutural do capital. Os norte-americanos estão à frente de um processo destrutivo, degradando o ambiente, utilizando-se dos recursos energéticos mundiais e colocando em risco a própria sobrevivência da humanidade, visto que absorvem cerca de 25% dos recursos mundiais para benefício de sua população, que representa menos de 5% da população mundial. Esse processo destrutivo também se expressa com a ampliação da política destrutiva dos Estados Unidos e sua virulência imperial.

Alguns dos mecanismos da acumulação primitiva que Marx enfatizou [mercadificação e a privatização da terra e a expulsão violenta de populações camponesas; a mercadificação da força de trabalho, etc.] foram aprimorados para desempenhar hoje um papel bem mais forte, [“acumulação por espoliação”] (...) domínio pelo capital financeiro que se estabeleceu a partir de 1973 foi em tudo espetacular por seu estilo especulativo e predatório. (...) a dilapidação de ativos mediante fusões e aquisições e a promoção de encargos de dívida que reduzem populações inteiras, mesmo nos países capitalistas avançados, a prisioneiros da dívida, (...) a pilhagem do estoque mundial de recursos genéticos caminha muito bem em benefício

de umas poucas grandes indústrias farmacêuticas. A escalada da destruição dos recursos ambientais globais, (...) a transformação em mercadoria de formas culturais (...) (HARVEY, 2004, p. 122-123).

O imperialismo norte-americano, mais que qualquer outro, invocou para si uma missão civilizatória. Os sucessivos presidentes dos EUA não fizeram outra coisa senão universalizar os mais particulares interesses. O terrorismo internacional, o novo inimigo a ser atacado, clarificou e legitimou o papel imperialista dos Estados Unidos no mundo.

Não há outra forma de iniciar um novo ciclo de crescimento sem recorrer ao canibalismo econômico e social e à guerra permanente. O crescimento almejado pelas elites capitalistas, mais que seletivo, é parasitário.

O governo imperial dos EUA (associado ao núcleo do sistema financeiro e ao complexo bélico tecnológico) procura definir o ritmo e a direção da reprodução capitalista.

Pensamos que para o capital não importa qual país é o hegemônico. No século XIX foi a Inglaterra; no século XX, os EUA conquistaram grande hegemonia e ainda a detêm; e no século XXI, pode ser a China. A competição entre os Estados (representantes da classe burguesa) continuará, porque, na verdade, trata-se da competição por mais capital, pela acumulação de capital. Seja qual país for, o importante e essencial é que o capital, este sim, permaneça hegemônico enquanto “sistema de controle do metabolismo social”.

Referências bibliográficas

BIANCHI, Álvaro. Hegemonia em tempos de cólera: a difícil construção de uma ordem mundial. **Revista do Instituto de Estudos Socialistas**, São Paulo, n. 8, out., 2003.

FIORI, José Luís. Globalização, hegemonia e império. In: TAVARES, M. C. e FIORI, J. L. **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Sistema mundial: império e pauperização**. Mimeo. Rio de Janeiro: Instituto de Economia / UFRJ. 2001, p. 2.

_____. O Estado morreu. Viva o Estado! **Brasil no espaço**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. A ilusão do desenvolvimento. **Brasil no espaço**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Acumulação mundial e ingovernabilidade. **Brasil no espaço**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Depois da retomada da hegemonia**. Mimeo. Rio de Janeiro: Instituto de Economia/UFRJ, 2001.

HARVEY David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.